

## AS TÁBUAS VOTIVAS: MAIS UMA FONTE PARA A HISTÓRIA DO NOSSO “LATIM VULGAR”

KLEBSON OLIVEIRA\*  
**Universidade Federal da Bahia**

**Resumo:** Para recuperar o percurso histórico do português culto brasileiro, os arquivos são bastante generosos, na medida em que, no Brasil, a história da leitura e da escrita é história de poucos. Mas quando o desejo se direciona à reconstrução do que teria sido o português popular brasileiro no passado, o percurso a ser seguido deverá ser de outra natureza. Desse modo, pretende-se, neste texto, apontar e descrever as características lingüísticas tipificadoras das tábuas votivas, uma espécie de ex-voto, bem como mostrar que podem ser elas fontes proveitosas para se flagrarem indícios do português popular de outras eras.

PALAVRAS-CHAVES: LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, PORTUGUÊS BRASILEIRO, PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO, TÁBUAS VOTIVAS

**Abstract:** *If one tries to recover the historical constitution of Brazilian Standard Portuguese, the accessible documentation in archives is very generous, since the history of reading and writing is a history of power, is a history of fews. But when one desires to rebuild the formation process of non-standard dialects of the same language, the chances are completely different, are only based on cues. This paper aims to point out and describe linguistic characteristics of some*

---

\* Vão aqui os agradecimentos às Professoras Doutoras Sônia Bastos Borba Costa e Tânia Lobo, pela leitura atenta e crítica que fizeram do trabalho. klebsonoliveira1974@gmail.com

*votive offering, a sort of ex-vote, and to show that they can be useful sources of research in those cases.*

KEY WORDS: HISTORICAL LINGUISTIC, BRASILIAN PORTUGUESE, POPULAR BRASILIAN PORTUGUESE, VOTIVE OFFERING

## INTRODUÇÃO

O título dado a este texto carece, inicialmente, de dois avisos: o primeiro diz respeito à metáfora “latim vulgar” para referenciar o português popular brasileiro, falado, sobretudo, por indivíduos com nenhuma ou pouca escolarização; já o segundo tem a ver com o emprego do vocábulo *mais*, que pressupõe, pelo menos, a existência de uma outra fonte de pesquisa. Sobre isso falar-se-á um pouco mais adiante.

Esteado no lastro teórico da Sociolinguística Quantitativa, na linha laboviana, Lucchesi (1994), debruçando sobre o sincrônico contemporâneo, reúne elementos para postular a realidade linguística brasileira como polarizada e plural. Polarizada porque, em um extremo, se localizam as normas vernáculas, populares, saídas, como já se mencionou acima, da boca de indivíduos com pouco ou nenhum grau de instrução e, do lado oposto, reside o que se designa como normas cultas, características de pessoas plenamente escolarizadas, que, no Brasil, tem relação com a posse de um diploma universitário. Entre um extremo e outro, pode-se falar de um *continuum* linguístico que não se apresenta com clareza. Já a expressão *plural* indica que não se pode, dentro do quadro liguageiro do Brasil, referir-se a uma única norma vernácula ou popular e, do mesmo modo, a uma única norma culta; ambas exibem-se diversificadas e possuidoras de características próprias.

Ainda para compor esta introdução, é necessário que se diga que a Linguística Histórica no Brasil, na segunda metade do século XX, foi relegada a uma condição marginal, acantonada em alguns poucos centros de pesquisa. Isso se deveu à entrada no país de modelos teóricos vindos da Europa e dos Estados Unidos que levaram à eleição, para análises sobre o português brasileiro, o sincrônico contemporâneo. Inquestionavelmente, com o aporte

dessas teorias —estruturalismos, dialectologia, gerativismos, Sociolingüística, teorias funcionalistas— muito se descortinou sobre a realidade lingüística do Brasil, em suas diversas faces, seja para entendê-lo *per si* ou para flagrar sua identidade em relação ao português europeu.

Mapeadas as características tipificadoras do português brasileiro, quer nas normas vernáculas, quer nas normas cultas, chegou a hora de ver quando começaram a dar o “ar de sua graça” na língua. E, nesse aspecto, o óbvio chega a ser ululante, na medida em que, caso se queira rastrear o passado de quaisquer aspectos lingüísticos, ter-se-á, inevitavelmente, de valer-se dos textos escritos. Mas está se falando de uma época em que, como já mencionado, as teorias da linguagem priorizavam o presente sincrônico e, desse modo, a par de lingüistas em dias com descrições e interpretações derivadas de modelos teóricos refinados, houve, como notou Mattos e Silva (1998: 107), a improvisação de “filólogos para exercerem seu saber de lingüista”.

Como fruto do panorama acima delineado, ou seja, com o predomínio de lingüistas totalmente despreparados para o labor filológico, inicia-se, mesmo assim, um movimento de buscar em arquivos documentos escritos no Brasil pretérito para que fossem de serventia a uma escrita da história da língua portuguesa no Brasil. Fase ingênua essa, porque bastava a aparição de textos de outras eras para que fossem editados, sem nenhum critério a norteá-los. É nesse enredo que surge um texto antológico de Mattos e Silva (2002), a servir de farol para aqueles que tinham em seu escopo de pesquisa o ajuntamento de textos em função de uma história da língua portuguesa no Brasil —*para uma história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*.

Nesse artigo, sugere Mattos e Silva caminhos para a reconstrução do português culto e popular brasileiros, como já insinua o próprio título. Mostra que, se o português brasileiro se apresenta polarizado e plural, sobretudo nas suas normas cultas e vernáculas, com histórias e, no seu dizer, com actantes divergentes, as vias dessa reconstrução não podem ser as mesmas. Para o que teria sido o português culto no passado, sugere, entre outras coisas, que poderá ser ele recuperado pela documentação existente nos arquivos brasileiros, isto é, com a formação de *corpora* diacrônicos seriados, os quais seriam constituídos pelos mais diversos tipos de documentos. Assim sendo, poder-se-iam flagrar as variações e mudanças em convívio e, por conseguinte, prováveis mudanças em andamento.

Para a reconstrução do português popular brasileiro, diz Mattos e Silva (2002: 445):

Como sabemos, o percurso para a reconstrução do passado do português brasileiro popular não será o mesmo utilizável para a reconstrução do passado do português brasileiro culto, que se esteia numa tradição escrita. O português popular brasileiro fez-se e faz-se, ainda, não tanto quanto antes, é claro, na oralidade.

Mais adiante, eis o caminho definido pela autora para a constituição histórica do português popular brasileiro (Mattos e Silva, 2002: 457):

Tendo sido formado na oralidade do português geral brasileiro, antecedente histórico do português popular brasileiro, a busca do seu percurso histórico tem de ser feita não fundada em *corpora* escritos, organizáveis *ad hoc*, como para o português culto brasileiro, como é óbvio, mas num processo de reconstrução —que designarei metaforicamente— arqueológico, em que, de evidências dispersas, calçadas pelas teorias sobre o contato lingüístico e pela história social do Brasil, se possa chegar a formulações convincentes. Percurso análogo, *mutatis mutandis* e *modus in rebus*, ao da reconstrução do chamado ‘latim vulgar’, cuja principal fonte de estudo é o seu resultado, as línguas românicas.

Vê-se, nessa citação de Mattos e Silva, a extrema dificuldade, no olhar da autora, de entrever o percurso histórico do português popular brasileiro. A afirmação feita, inegavelmente, tem a sua razão de ser: provavelmente os utentes dessa face do português eram indivíduos analfabetos que, em consequência, não tiveram a oportunidade e a necessidade de se manifestarem por escrito. A história da escrita e da leitura no Brasil, a princípio, mas só a princípio, é uma história de brancos e, mesmo assim, da elite. Para ter uma idéia do que se conta, o primeiro censo oficial feito para o Brasil, o de 1872, apontou 80% da população em estado de analfabetismo; esse índice sobe para 86% quando se incluem as mulheres; entre a população escrava, 99.9% estavam na condição de iletrados (Fausto, 1994: 237).

Ocorre, no entanto, que alguns caminhos vêm sendo trilhados para a colheita das pegadas do português popular brasileiro em sincronias pretéri-

tas. Numa via que ainda se pode designar de indiciária estão os trabalhos de Alkmim (2001, 2002), em que, através de fontes diversas —charges, informações de viajantes, anúncios de jornais, etcétera— busca recuperar aspectos lingüísticos da fala de negros, sobretudo ao longo do século XIX. Já não mais indiciárias, porque permitem aproximações por vias diretas, ressalta-se uma série de fontes que vêm se revelando bastante proveitosas para o conhecimento da história do português popular: documentos escritos no âmbito das irmandades negras,<sup>1</sup> bastante numerosas no Brasil colonial e pós-colonial; cartas redigidas por escravos, de seus próprios punhos ou como expressão da sua vontade; cartas escritas no circuito do Cangaço, um movimento de banditismo típico do Nordeste brasileiro.

Uma fonte ainda inexplorada, mas que pode dar indícios sobre o português popular brasileiro em perspectiva histórica, são as tábuas votivas, um tipo de ex-voto, e são elas as agenciadoras do texto que aqui se apresenta.

## OS EX-VOTOS: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

Ao subir a colina sagrada, na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, chega-se à Igreja de Nosso Senhor do Bomfim. Num dos compartimentos de um dos templos católicos mais famosos do Brasil, há estampados, numa placa de metal, os seguintes dizeres: “*devoto*, aquele que crê, que se dedica; *voto*, promessa solene, juramento; *ex-voto*, oferta de quem cumpre uma promessa, entrega de algo (ato ou objeto) por alguma graça recebida”. Está-se na *Sala dos Milagres* e, de todos os lados, inclusive do teto, abundam fotografias, velas dos mais variados tamanhos e cores, bilhetes, cartas, peças de gesso representando as várias partes do corpo, diplomas, etcétera. É tudo muito demais, pelo que se pode afirmar que o Senhor do Bomfim foi bastante dadivoso ao miracular indivíduos em inúmeras esferas de suas vidas. Todo esse manancial de objetos referidos constitui diferentes formas de ex-votos. Dessa maneira, define-se um ex-voto como uma doação de objetos, dos mais variados tipos, aos santos julgados como interventores na resolução de situações aflitivas que permeiam os vários campos da vivência humana ou,

---

<sup>1</sup> As irmandades, tanto as compostas por negros como por brancos, eram associações em que os membros, com o pagamento de mensalidades, se ajudavam mutuamente.

como nota Giffoni (1980: 27), “são objetos, ou ainda, práticas de sentido religioso ofertados aos seres sobrenaturais e, particularmente, aos Santos, em retribuição a graças ou favores recebidos”.

O pagamento de promessa através de ex-votos a divindades remonta à antigüidade e perpassa pela Idade Média. Segundo Castro (1994: 11), essa prática votiva teve larga difusão em toda a Europa, porém se popularizou, principalmente, na Europa meridional e central a partir do século XVII. De Portugal chegam os ex-votos ao Brasil, mantendo, ainda consoante Castro (1994: 11-12), o aspecto de arte popular. Em território brasileiro, os ex-votos encontraram terreno fértil e Scarano (2003: 15) apresenta uma razão para que assim o fosse. Segundo a autora, em séculos mais recuados, principalmente no meio rural e em comunidades diminutas, escassos eram os instrumentos e as organizações aptas a socorrer os indivíduos em momentos de miséria e de doença e, assim sendo, abriam-se brechas para a aceitação de crenças em variadas categorias de poderes. Historicamente, a primeira coleção de ex-votos aportada no Brasil era de propriedade da imperatriz Teresa Cristina, pertencente às famílias Bourbon e Farnese, que trouxe, como parte do seu dote, exemplares da arqueologia clássica, com destaque para mais de vinte cabeças votivas de cerâmica etrusca datadas do século III a.C. (Castro, 1979: 107). Veja-se a figura 1.

O ofertante, para o cumprimento da trajetória em agradecimento ao milagre recebido, de modo geral, segue um ritual que, de acordo com Frota (1981: 22), se compõe de uma vivência que abraça diversas etapas: o momento de vicissitude que levou ao nascimento do voto, a aparição do sobrenatural, a resolução do impasse, os preparativos para a promessa, a locomoção ao centro religioso e, por fim, o tempo histórico no qual se materializa a sua promessa, em um espaço sagrado; túmulos, igrejas, capelas, lapas e grutas, todos esses lugares podem se revestir em espaços sacralizados, inclusive muitas igrejas e santuários espalhados pelo território brasileiro são frutos de dívida dos humanos aos oragos que os salvaram de situações as mais variadas, em que o homem mais os recursos a seu redor não foram suficientes para a resolução do momento de perigo, de morte e que só o apelo ao sobrenatural poderia fazê-lo (Valladares, 1967: 95-101). São exemplos do que se conta a construção da igreja de Santa Luzia, em 1632 em Angra dos Reis, no Estado

do Rio de Janeiro. A sua origem encontra lugar em uma iniciativa tomada por um indivíduo que foi dos primeiros a povoar a região de Ilha Grande. Prometeu à Santa que, se curasse a doença dos olhos de uma de suas filhas, ergueria uma capela em sua homenagem. Pedido atendido, promessa cumprida: o templo foi construído de frente para o mar (Pessôa, 2001: 15). Outra informação dada por Frota (1981: 27) se refere à igreja em honra do Bom Jesus de Matosinhos, em Minas Gerais. Consoante a autora, o minerador português Feliciano Mendes, curado de uma grave moléstia, mandou edificar a igreja referida.

Fez-se acima referência a que os ex-votos podem se revestir de variadas formas e Giffoni (1980: 34) apresenta uma classificação quanto ao conteúdo que encerram e, ainda, quanto ao modo como se exibem. Dessa maneira, repartem-se os ex-votos do seguinte modo: *antropomorfos*, representando todo o corpo humano ou parte dele; *médicos*, que se relacionam com a saúde do homem, com representações as mais diversas; *zoomorfos*, englobando os animais; *agrícolas*, que abraçam os vegetais; *pluviais*, que se ligam aos *agrícolas*, tendo em conta a interdependência entre ambos; *representativos de valor* ou *prendas*, circunscrevendo à doação de jóias, a gêneros alimentícios e a animais; *específicos*, que se trata da oferenda de cabelos, fitas e “medidas”, velas, roupas, uso de trajes especiais, formas diversas de caminhar, promessa de costurar para os pobres e outras modalidades assistenciais; de *significação imaterial*, em que entram em cena determinadas danças de caráter religioso, bem como cerimônias devocionais e diversos tipos de orações (Giffoni, 1980: 28). A par dessa classificação, Giffoni (1980: 28-29) apresenta uma outra que tem a ver com a função dos ex-votos; de um lado, residem, segundo a autora, os ex-votos de cura e, do outro, os de proteção. Ressalta, porém, que os de cura figuram como os mais significativos e numerosos, na medida em que é a vida o bem maior e o instinto pela sua conservação é muito forte. Nesse ponto, a voz de Scarano (2003: 52) encontra eco no que afirma Giffoni, pois, consoante a autora, “uma vez que a doença é o mal mais corriqueiro e comum, os suplicantes, seja qual for o seu lugar, sobretudo em áreas mais desfavorecidas, em que falta socorro, pedem por sua saúde e, em inúmeros casos, a ação do Alto é o único remédio a que podem recorrer”.

De qualquer sorte, um tipo de ex-voto bastante peculiar e a que ainda não se fez menção são as chamadas *tábuas votivas*,<sup>2</sup> que se diferenciam dos demais por apresentar, no mesmo espaço, no mesmo endereço, imagem e texto. Os elementos constitutivos desse tipo de prática votiva se organizam em três faixas horizontais, dispostas da seguinte maneira: no terço inferior exhibe-se uma legenda contendo o nome da entidade milagrosa, do milagrado, a descrição da circunstância aflitiva e a data em que aconteceu o milagre; no terço médio aparece a figura do agraciado, às vezes deitado em leito com postura pré-mortuária, ocupando a parte central do ambiente singelo (em geral um quarto), despojado de mobiliário, característica usual nos séculos XVIII e XIX e com a rara presença de alguns familiares e médicos; na faixa superior, espaço nobre e privilegiado, apresenta-se a divindade ou o santo milagroso entre nuvens ou envolto em raios, à direita ou à esquerda (Pessôa, 2001: 33). Sendo assim, as tabuinhas, comparadas com outras materializações de ex-votos, vão se particularizar, porque, de acordo com Scarano (2003: 31), mostram, através da iconografia e com complementação narrativa, a vitória do céu sobre o mal; reiteram e explicitam o milagre recebido. Nesse sentido, são mais explicativos que as demais modalidades. Veja-se ainda como Castro (1994: 18) apresenta, no seu dizer, um típico ex-voto mineiro, traduzido em tábuas votivas:

O ex-voto mineiro típico é pintado em cores primárias fortes, sobre madeira de cedro cortada em forma retangular. Tem a moldura bem saliente, pintada como imitação dos veios do mármore pregada diretamente na tábua, e suas dimensões nunca ultrapassam os “dois palmos”. Frequentemente mostra um aposento em que o ofertante se encontra acamado, quase sempre usando uma touca. O leito é reproduzido com riqueza de detalhes: lençóis alvos e rendados, mesmo quando o milagrado é de condição humilde, travessieiros roliços terminando em laços e babados, colcha em brocado colorido e muitas vezes um dossel, quase sempre vermelho, para proteger dos maus ares e talvez dos maus espíritos.

---

<sup>2</sup> *Tábuas votivas, tábuas, tabuinhas, quadros, quadros pintados, quadrinhos, quadrinhos pintados* são tomados como sinônimos neste trabalho, porque dessa maneira procede a bibliografia sobre o tema.



O cortinado se arregaça para permitir que se veja a cabeceira da cama rústica. Nota-se a falta de cadeiras, nesse tempo ainda raras e privilégio das autoridades. Nos exemplares mais eruditos, elas às vezes aparecem, assim como outros móveis e algum detalhe arquitetônico. O santo protetor flutua envolto em nuvens convencionais, no plano superior ou a um canto do quadro. Uma faixa inferior é reservada ao texto que descreve de maneira sumária o ocorrido e costuma mencionar o nome do ofertante e a data em que ocorreu o milagre.

Quanto ao tema, expõem Pessoa e Castro, acima referidos, tábuas votivas referentes a doenças, mas é bom que se antecipe a afirmação de que as tabuinhas acolhem conteúdos bastante variados e que perpassam por inúmeras instâncias da vida humana. Mas, de qualquer sorte, por ser um mal bastante comum, serão as diversas enfermidades, de longe, as que mais ocupam o centro temático dos quadrinhos pintados. E já que se está referindo aos temas, sustenta Scarano (2003: 51) que os males que atingem os suplicantes são cotidianos, corriqueiros, expressam o dia-a-dia do ser humano com as suas mazelas e dificuldades e enredam-se no modo de como evitar um perigo, de como adiar a morte que se apresenta iminente. Dessa maneira, está a razão do lado de Giffoni (1980: 27) quando afirma que as circunstâncias que envolvem os quadrinhos pintados se inserem em aspectos bastante numerosos da vida humana, pois se relacionam com adversidades e intempéries de todas as espécies, tais como moléstias, desastres, chuvas abundantes ou escassas, sol em excesso ou falta, incidentes que afetam o homem, animais, plantas e outros elementos que rodeiam o seu ambiente. Veja-se a figura 2.

Os elementos constitutivos de uma tábua votiva, como os descritos por Pessoa (2001: 33) e Castro (1994: 18), não apresentam, pelo que oferece a bibliografia sobre o assunto, muitas dessemelhanças em relação a outras tabuinhas remanescentes pelo Brasil afora; a única exceção parece residir naquelas ofertadas a Santa Luzia, protetora dos olhos, na cidade de Angra dos Reis, em cujo formato não predominam os tipos retangulares. Essa convergência se reflete, inclusive, nas dimensões dos quadrinhos pintados. Consoante Scarano (2003: 74), as medidas dos quadrinhos são pequenas e, em sua maioria, apresentam-se com formas retangulares, embora haja exemplares que fujam a esse padrão; já Abreu (2005: 201) realça que, apesar de certas diferenças com relação aos aspectos formais e da especificidade

dos milagres representados, é possível falar de um padrão regular de representação presente nas tábuas votivas. Desse modo, Portugal legou ao Brasil, além da prática votiva em si, todo um modelo de como proceder na feitura de uma tabuinha: é que se manteve a mesma disposição dos elementos no quadro, o mesmo processo de pintura à têmpera sobre madeira, ou seja, toda uma tessitura que, segundo Castro (1994: 11-12), havia já caído em desuso desde o século XV pelos pintores eruditos europeus. Contudo, aproveitando-se do gancho deixado por Abreu quanto às diferenças expressas nas tabuinhas, elas podem se manifestar a depender do contexto em que nascem. Desse modo, aparecerão divergências quando entram em causa oposições do tipo meio rural/meio urbano, rico/pobre, sexo masculino/sexo feminino, passado/futuro (Giffoni, 1980: 28). Outras variáveis, ainda consoante Giffoni, também podem contribuir para provocar distinções na composição de um quadrinho pintado, sobretudo quando dizem respeito ao conteúdo, e se relacionam à espécie, à forma, ao material utilizado, às condições econômicas do meio, aos hábitos da região, ao meio rural ou urbano, às necessidades do promesseiro e, ainda, ao seu tipo de trabalho. Por exemplo, em regiões litorâneas, é comum figurarem nas tábuas votivas cenas que retratam naufrágios, tempestades e outras intempéries ligadas ao mar; no meio rural, têm a sua vez milagres ligados aos animais e suas crias, às matas, às plantações, às colheitas, aos pedidos de chuva, enfim, aos males que assolam a vida do homem no campo; no meio urbano, as necessidades são diferentes e, por conta disso, as tabuinhas estampam graças obtidas relativas à habitação, ao transporte, à saúde, dentre outros.

Sobre os quadrinhos pintados, alguns autores se manifestam ainda no sentido de realçar a sua importância como fonte documental. É por esse caminho que trilha Castro (1994: 9), quando afirma que as cenas que compõem a parte pictórica constituem uma crônica visual dos costumes da época em que foram confeccionados. Também Pessoa (2001: 17), referindo-se ao conjunto de tabuinhas preservadas na região de Angra dos Reis, vê, nessa espécie de ex-voto, o caráter informativo da vida, dos costumes, dos vestuários de outras eras, mas também podem ser apreciadas pelas suas qualidades expressivas pictóricas e artísticas.

As tabuinhas, no Brasil, conheceram o ápice da popularidade e do apreço no decorrer dos séculos XVIII, XIX e inícios do XX. Nos tempos que correm, no entanto, é bastante rara a sua confecção e alguns fatores agenciaram o seu

desuso. Scarano (2003: 81) enxerga em fatores econômicos e sociais possíveis causas que puseram este tipo de prática em extinção. Segundo a autora, o material mais pobre, como a cartolina e o papel, passou a ser usado com relativa frequência, uma vez que um pedaço de madeira para pintura começou a escassear. Também o lápis, o papel e outros instrumentos de teor semelhante passaram para o uso comum. Um outro motivo para o escasseamento dos quadrinhos pintados encontra motivação no diminuto quadro de profissionais que se dedicam ao ofício. Não se pode esquecer também que, como responsáveis pela improdutividade de tábuas votivas, estão o advento da fotografia e a confecção padronizada de peças em gesso a ocuparem o lugar que, antes, era dos quadrinhos. Além disso, sublinha Scarano, mencionada acima, que uma crescente alfabetização instou muitos fiéis a apelarem apenas para a escrita.

### **AS TÁBUAS VOTIVAS: MODOS DE SER, MODOS DE TER, MODOS DE FAZER**

Na verdade, o tema a ser contemplado nos próximos itens —estudar as características lingüísticas peculiares aos quadros pintados e, ao mesmo tempo, rastrear, através dessa manifestação votiva, as pegadas do português popular brasileiro de épocas passadas— começará a ser explorado neste tópico, uma vez que se pensa ser quase obrigatório um olhar vertical para novas variáveis sociais que agenciaram e que estão envolvidas na feitura dos quadrinhos pintados, ou seja, esse olhar, mesmo que ainda se apresente focado, principalmente, em aspectos exteriores à parte escrita das tabuinhas, já começa a delineá-las como fontes proveitosas para o estudo do português popular brasileiro em perspectiva histórica. Tentar-se-á, desse modo, estampar, para as tábuas votivas, os seus modos de ser, os seus modos de ter, os seus modos de fazer.

Mesmo que, na contemporaneidade, o binômio cultura popular/cultura erudita esteja enredado em questionamentos, a bibliografia sobre o objeto aqui tomado para análise é uníssona em enquadrá-lo no primeiro constituinte da dicotomia referida. A seguir, expõem-se algumas manifestações sobre o que dizem alguns estudiosos que se debruçaram sobre o tema.

Valladares (1967: 18) vai definir o conceito de arte *primitiva*, que difere da *primitivista*. O primitivo envolve o artista genuíno e desprovido da habilitação

e do discernimento, convocados pela civilização, no preparo dos objetos destinados ao consumo e ao deleite dos estratos sociais elevados; de sua parte, a arte primitivista assimila as características estilísticas do primeiro e as aplica na execução de objetos apropriados e destinados ao consumo —investimento e prazer— de uma classe social mais elevada. As tabuinhas, portanto, inserem-se na modalidade de arte primitiva. Como acréscimo à determinação de que as tábuas votivas são produtos da cultura popular, esse mesmo autor (1967: 96-97) utiliza os critérios do desconhecimento da representação em perspectiva do corpo humano e dos seres vivos e, ainda, da deficiência artesanal no preparo dos quadros, como parâmetros que os invalidam de serem considerados arte sob o critério tradicional. Abreu (2005: 203), por sua vez, apropria-se dos conceitos de *pequena e grande tradição*, como definidos por Peter Burke. As tabuinhas, segundo Abreu, acima referido, podem ser associadas à *pequena tradição*, que se caracteriza pelas suas feições de tradição popular, “transmitida informalmente” e, muitas vezes, à margem dos cânones estabelecidos pelas elites. Contrariamente aos movimentos artísticos associados a uma escola ou estilo específico, a *pequena tradição* traz em si a característica de possuir longa duração, isto é, “a persistência de códigos e padrões de representação”. A designada *grande tradição*, por seu turno, identifica-se com a alta cultura e, quanto ao seu processo de transmissão, encarregam-se os liceus, escolas e outras instituições, por assim dizer, formais.

No que diz respeito aos “riscadores de milagres”, guardem-se as palavras de Scarano (2003: 101):

Presença invisível, mas significativa, é aquela do pintor. É ele quem reproduz os fatos, os acontecimentos e mesmo os dizeres da lenda. É o transmissor das fórmulas consagradas que sabe o modo correto de pagar uma graça recebida, tornar alguém capaz de receber outros favores do Alto. Profissional ou curioso, o artista tem a função de manifestar, perpetuar a feliz cura e mostrar o poder do orago.

Quando o assunto deriva para o perfil socioeconômico dos executores dos quadinhos pintados, a bibliografia consultada aponta as seguintes e relevantes informações. No estado de Minas Gerais, Frota (1981: 45) assinala que a maior parte dos artífices coloniais a serviço das irmandades era composta por negros e mestiços, que viam nos ofícios mecânicos, desprezados pela

elite, uma possibilidade de ascensão social. Dessa maneira, não é de estranhar, ainda consoante a autora, que muitos dos ex-votos pintados fossem recomendados a artífices mais modestos das corporações ou, ainda, a populares curiosos, aprendizes informais das técnicas artísticas através do acompanhamento dos trabalhos de ornamentação corrente nas várias igrejas erguidas nas Minas Gerais durante o ciclo aurífero. Trabalhando com os ex-votos mineiros, mas também se referindo aos do estado de São Paulo, Scarano (2003: 73) comunga da mesma opinião de Frota, no sentido de delinear, como riscadores de milagres, profissionais que decoravam as igrejas da região ou as suas capelas. Acrescenta ainda Scarano que, em muitos casos, a feitura das tabuinhas era labor, principalmente, de artistas amadores. Quanto ao parecer de Castro (1979: 112), a observação da perspectiva e da ortografia, que, geralmente, se apresentam “erradas”, já é o bastante para a construção da imagem do riscador de milagres como um “curioso”, pintor de ocasião, que reside sempre às margens, e procurado apenas em casos de necessidade.

É possível flagrar também notícias sobre como se davam as relações dos executores dos quadrinhos pintados com o processo que envolve a confecção desse tipo de ex-voto.

Valladares (1967: 22), a esse respeito, reconhece os autores dos quadros como indivíduos anônimos e que nem sempre assinam o que produziram. Desenha um percurso na confecção das tabuinhas assim descrito. Veja-se a figura 3:

[...] primeiro o devoto cria o objeto através de sua narração, segundo o artista (curioso, ingênuo, primitivo, habilitado, profissional, erudito, etcétera), esboça-o e o realiza. No caso de o artista não ser letrado, uma outra pessoa é solicitada para descrever bonito com palavras de evocação e de gratidão.

Essa assertiva, de certo modo, encontra eco no que diz Pessôa (2001: 18-19), quando narra, tendo como lastro o suporte material das tábuas votivas, que o emprego de papel colado para a confecção das legendas remete a uma produção separada da pintura e do texto. Ainda conforme o autor, os artistas pintores provavelmente não tinham a posse das letras e, assim sendo, ficaria a legenda a cargo de outro responsável por traduzir na escrita a imagem do milagre. Como critério a mais para a pertinência do seu argumento, convoca a existência de legendas escritas diretamente na pintura a partir do século XX, fato esse que está a revelar aumentos dos índices de alfabetização na região.

Questões e palavras de Abreu (2005: 204):

Quem eram os produtores das tábuas votivas? Tratava-se de especialistas e de artífices reconhecidos? Não é fácil responder a essa questão, já que não se dispõe de uma documentação que traga tais informações. *Além de as pinturas serem anônimas, não há registros de contratos entre aquele que encomendava a imagem e o artífice que a confeccionava.* Apesar das dificuldades em avançar nesse problema, algumas hipóteses têm sido esboçadas por alguns autores no sentido de esclarecer a questão da produção dos ex-votos pintados. (nosso os grifos)

Há em torno dos riscadores de milagres, como se nota na citação acima, toda uma discussão que atravessa a sua aparição na feitura dos quadrinhos pintados. Mesmo que, consoante Giffoni (1980: 31), a fama dos executores de milagres alcançasse limites para além de sua residência, tornando-se conhecidos e solicitados por indivíduos vindos de longe, são raros os que se dedicavam ao ofício, os que tinham a habilidade necessária. Contudo, apesar de a literatura sobre o tema ser unânime em relação ao fato de serem as tabuinhas uma arte anônima, esse quesito —a especialização ou não de indivíduos empenhados apenas na feitura dos ex-votos pintados— não encontra, entre os estudiosos do tema, postura consensual. Silva (1981: 59) informa que, seguramente, existiram artistas que se dedicaram de forma exclusiva ou esporádica à confecção das tabuinhas; para Frota (1981: 25), tudo leva a crer que não existiram, por assim dizer, indivíduos especializados apenas em riscar milagres, mas sim que alternavam essa tarefa com outras; já Castro (1994: 19) noticia que o autor do quadro votivo era geralmente um “curioso”, ou pintor eventual que atendia a encomendas; era, provavelmente, um autodidata jeitoso que reforçava o seu orçamento com esses biscates, ou seja, produzindo quadrinhos pintados, conservando-se, porém, sempre anônimo. É no lastro dessas manifestações que Abreu (2005: 205) esteia a sua posição em relação ao tema. Suas palavras são assim expostas:

Tendemos a concordar com os autores que defendem uma não especialização da pintura de ex-votos. Considerando que esses objetos integravam o universo do trabalho artesanal na sociedade mineira do século XVIII, é legítimo supor que os artífices responsáveis por eles teriam

aprendido as técnicas gerais de pintura em uma oficina, habilitando-se a pintar desde ex-votos a retábulos, passando pelo preparo de painéis ou confecção de santinhos. Não se tratava, portanto, de especialistas em ex-votos, já que suas habilidades podiam ser utilizadas para outros trabalhos associados ao fazer artístico da sociedade colonial.

Já se disse, com todas as letras, que os executores dos ex-votos pintados permanecem, em sua grande maioria, no anonimato, isto é, não existe, por parte do milagreiro, a preocupação em assiná-los. Às vezes, no entanto, as tábuas votivas permitem, através do estilo, da coloração ou temas preferidos, filiá-las a um mesmo autor (Giffoni, 1980: 32). Só ocasionalmente o riscador de milagre assina a sua obra, mas, mesmo assim, os passos da sua trajetória enquanto tal são, na maioria dos casos, irreconstituíveis. Há, no entanto, alguns poucos casos bem sucedidos: Em Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro, Pessôa (2001: 30) cita, como pintores de ex-votos, os artistas da família Pimenta, ativos em Angra dos Reis no século XX, Antônio José Moreira, Geraldo Pedro Fernandes, Henrique Carlos da Silva Sarmiento e seu filho João Carlos da Silva Sarmiento, Carlos Freitas Bastos, Antônio Simão dos Reis e seu filho Benedito Laurentino dos Reis. No estado da Bahia, Valladares (1967: 16) recuperou a biografia de quatro desses profissionais: Joaquim Gomes Tourinho da Silva, pintor baiano do século XIX, que fez, além dos quadros pintados, o retrato do Conde da Ponte, tela em que se representa D. Pedro e D. Thereza recebendo as chaves de Salvador, em 1859, e o retrato de José dos Santos Barreto, autor do Hino da Independência; Agripino Barros, pernambucano, que exerceu a profissão de desenhista, músico, arquiteto e professor, tendo lecionado as disciplinas Desenho Linear, Geometria Descritivista, Desenho Figurado e elementos de música na Escola de Belas-Artes da Bahia; J. C. Queiroz, rubrica de João Chrysostomo de Queiroz, autor da tela do ex-voto da Igreja do Senhor do Bomfim referente à cólera-morbo, datado de 1855, segundo informa Manoel Querino (*apud* Valladares, 1967: 16), faleceu em 6 de janeiro de 1878 com mais de 60 anos. Exerceu, sobretudo, a pintura de imagens (*estofador de imagens*), granjeando fama entre os santeiros baianos, fez pintura sobre vidro, obtendo o prêmio “Medalha de ouro” na exposição do Liceu de Artes e Ofícios, produziu cenografia e dirigiu bailes pastoris, escreveu e pôs em música alguns desses bailes, conforme

informa seu mencionado biógrafo, destacando-se suas composições musicais denominadas *A Luz* e *Adônis*. Veja-se a figura 4.

Não parece, entretanto, que o perfil de Joaquim Tourinho da Silva, de Agripino Barros e de João Chrysostomo de Queiroz tenha sido o geral para o Brasil; essas personagens, como se pode extrair das informações dadas por Valladares, se identificam com uma imagem de profissionais mais requintados e a serviço das elites, mas João Duarte da Silva, que se utilizava do pseudônimo *Toilette de Flora*, esse, sim, parece apresentar, no seu percurso profissional, um perfil que pode encontrar réplicas em outras áreas brasileiras. Foi o riscador mais requisitado para milagres coletivos dos trabalhadores da estiva e da pequena cabotagem, por todo o arco temporal que se estendeu durante o período de 1890 até 1935, ano em que morreu. Como artista profissional, João Duarte produziu muitas armações de presépios, quadros religiosos, desenhos e pinturas de milagres, a maior parte para as igrejas do Bomfim e das Candeias; produziu também figuras obscenas para a sua “marmota” que se pensa ter sido o primeiro “cinema” da Bahia; pintou, por vezes, também cruzeiros de madeira para sepulturas de pobres, com caveira, fêmur e pequenas flores (Valladares, 1967: 93). Outros riscadores —R. Fraga, O. Lessa, Lauro, C. Dantas, Passu, Theotonio E. Lia, Marcolino Nery de Assis, J. Gomes, J. Nogueira, Waldir—, no entanto, talvez continuarão a “dormir profundamente”.

### **AS TÁBUAS VOTIVAS: UMA POSSÍVEL FONTE PARA A HISTÓRIA DO NOSSO “LATIM VULGAR”**

Julga-se ter já descrito as tábuas votivas quanto ao seu contexto de produção, difusão e consumo, discussão imprescindível, na medida em que, colocando em cena esses aspectos, têm-se em mãos elementos suficientes para enquadrar os ex-votos pintados no âmbito de uma cultura popular. Além disso, apresentaram-se as aparências de um quadro pintado no que diz respeito aos elementos que o constituem e, a partir de agora, o olhar se dirigirá para um desses elementos: a parte escrita das tabuinhas, ou seja, as legendas.

De forma categórica, a legenda sempre ocupa o terço inferior na composição dos quadrinhos pintados e pode ser escrita no próprio suporte ou em tira de papel colocada em local previamente preparado; muitíssimos raros são os exemplares que não contêm legenda. É considerada, por assim



dizer, uma legenda ‘ideal’ aquela que, a princípio, contasse daquele que suplica, do miraculado, da situação aflitiva, do orago a que se recorreu, do local e data dos acontecimentos e, ainda, ofertar um pequeno resumo dos fatos. Sendo assim, toda razão tem Scarano (2003: 101) quando diz que a legenda pode ser vista como “uma reiteração da parte iconográfica, uma repetição, uma reafirmação, ‘em outras palavras’ ou em ‘um diferente dizer’”. Aliás, essa mesma autora (2003: 101) se manifestou no sentido de tornar evidente que, nesses quadros desenhados, a escrita é preterida em relação à pintura, ou seja, o executor deixava um espaço para que se fizesse a legenda, porém era, geralmente, um *locus* diminuto, o que o tornava insuficiente para escrever o que se desejava narrar. Como consequência desse proceder, assiste-se ao acúmulo de palavras e letras e numerosas simplificações de vocábulos, o que faz supor que as tabuinhas eram confeccionadas de modo a ter, prioritariamente, uma orientação visual, porque, no mais das vezes, eram dirigidas, além do orago, a uma população predominantemente analfabeta. É tamanha a clareza do vocabulário visual desse tipo de ex-voto, para os fins a que se destina, que poderia ser, em alguns casos, anepígrafos, ou seja, incarecentes de legendas ou qualquer outra inscrição (Frota, 1981: 45). Isso explica, de certa maneira, a existência de tábuas votivas com desenhos solitários ou com legendas que pouco informam sobre o milagre acontecido. Cabe aqui um exemplo retirado de Valladares (1967: 63): trata-se de uma tabuinha, já desaparecida, em cuja legenda se pode ler: “Milagre feito por Senhor do Bomfim a uma senhora no mez de Março de 1930”. Será a descrição dada pelo autor, referido acima, que colocará o observador de frente com o acontecido:

Vê-se, no quadro grotescamente desenhado a lápis de cor, um quadro muito simples. Doente deitado em decúbito lateral. De pé, aos pés da cama, um senhor em atitude desolada; no centro do quarto, uma senhora encaminhando-se, chorosa, para o médico que, vestido de avental e gorro, tem a atitude de quem nada mais pode fazer. Ao lado, uma mesinha com frascos, copo e colher. Salienta-se neste quadro uma cruz, da qual se desprendem raios.

Seguem abaixo algumas legendas redigidas ao longo do século XVIII até o XX e, ainda, outras cuja datação não é marcada:

- Século XVIII

Milagre ã fes S<sup>ta</sup> Anna a Maria Joaq.<sup>na</sup> de Menezes ã estando grave m<sup>te</sup> perigosa de hum parto e já hungida e sem esperança de vida e apegandoce Com fe viva Com ad<sup>ta</sup> S<sup>ta</sup> logo esprimentou milhoras 1701.

Milagre ã fez o Sn<sup>r</sup> do Mattoz Zinho daz Congonhaz do Campo a Joze Antunez q eztando 1 annoz etantoz mezes aVexado Com maleficioz e illuzoens e em tentaçoenz dodemonio eporSever tam perseguido peg[ilegível] Com o mezmo Senhor permetemdolhe hum Cavallo Cellado eenfreyado e hir lhoLevar eemregar ao ditto Senhor propia mente o Cavallo easin aLcançou Logo aLivioz que deZejava elhepasou hum Creditto de que ficou namão do seu Seu procurador easin ficou logo aLterado Com perfeita Saude e [ilegível] perfeita m<sup>te</sup> que opoder de Ds. he maiz deque nada eoSeu Creditto Valioso Foi feito em 17 de Mayo de 1776 anos.

- Século XIX

O S<sup>or</sup> de Matto Zinho, fez Merce a Luis de França de JESUS, ã. estando embarbando hum Caibro, na obra do R<sup>do</sup>. Miguel de Noronha Peres, na Rua pordetras da Intendencia da V<sup>a</sup>. de S. João de ElRei, subindo p<sup>a</sup> o Bom fim, escapulio omachado, ã. lhe tirou hua naca de osso na Canella do pé esquerdo, egolpe feissimo, egritando pelo m<sup>mo</sup>. Senhor e comelle se apegou; ficou bom em o anno de 1822.

M<sup>cc</sup>. q fez o S<sup>r</sup>. do bom Mato Zinho a João das Neves Alves Fr<sup>a</sup>. da Cin<sup>ca</sup>. Estando Gr<sup>e</sup>m<sup>e</sup>. procidido de huma Constipação, lheveio hüincaio m<sup>to</sup> forte ãp<sup>r</sup>. 3 Vezes chegou afazer termo p<sup>a</sup> morrer com todos os signaes da m<sup>e</sup>. perdia afalla eficou Como ã? ja estava morto tornando asi disce 3 Vezes Vaia misinhor do Mato Z<sup>o</sup> econtinuava com estas palavras todas vezes ã tornava a si Vaio mi S<sup>r</sup>. do bom J<sup>s</sup>. do mato Zinho no fim de des dias ficou livre do d<sup>o</sup> incaio Constipando o Sup<sup>e</sup> e seg<sup>a</sup> vez lheveio hum rematismo em todo Corpo a Companha<sup>do</sup> com 2 tomores pabaxo dabarba, outro do lado isquerdo a pegando com om<sup>e</sup> S<sup>r</sup>. ficou bom ditoda enfermidade p<sup>a</sup> mimoria mandou pintar este Milagre Em 1841.

- Século XX

Milagre que fez o Snr do Bomfim aos seguintes estivadores: Manoel dos Passos Pa., Franca Lima da Rosa Vital, Manoel do E. S., Avelino Barros Leite, João Marques, Agostinho Affonso de Jesus, Francisco de Assis Dias, Joventino, Amancio Moura da Silva, Sabino de Sá Barreto, Hermenegildo Felipe da Costa, Angelo Luz Paulino, Francisco de Sá Bandeira, Demetrio, Ramiro Francisco Meirelles, na ocasião em que iam para bordo foram abalroados pela lancha a vapor Barbosa de Souza cortando o saveiro ao meio caindo todos ao mar falecendo somente 3-1 Junho de 1901.

6 de 7BRO 1921

Milagre que fez a Santa Virgem de Nazareth estando gravemente o S. Anselmo sofrendo acesços que estava bem difficil de se obter o seu estado Normal, mais na hóra em que deu um dos acesços, sua mae vendo estes sofrimentos, D. Lina de Jesus, apeçou-se com N. S. Nazareth prostada, de julho, que curaçe o seu filho José Amselmo da Costa, que amiudas vezes precisava seu irmão Antonio, lhe segurar emsima da casa, mais graças a N. S. de Nazareth, e seus rógos foram attendidos, mandou pintar este quadro. 1921.

- Sem data

Ei o grande Milagre que fes o Senhor Bom Jesus estando o doente e de Cama com uma enfermidade Cruel que não havia remedio que não fosse inperimentado nunca eu tinha tido melhóra fiquei tão mal ja em estado de morto os meu paes vendo que eu Morria Pedio Socorro ao N. Snr. Bom Jesus pedindo que me desse vida por grande mizericordia [ilegível] fui atendido [ilegível] com a graça.

Maria Joana do Passo Oliveira

Milagre que fes o N. Sr. bom Jesus para Maria da glória estando Com oseu filhinho doente já dezenganado dos medicos, estando ella m<sup>to</sup>. agunhado e trist de ver seu filho doente e não poder dar remedio lembros-se do milaglozo bom jesus a elle que oseu fi<sup>o</sup> sarrassi da quelles em como -do efelism<sup>te</sup> logo foi desapareçido.

Maria da glória

Mesmo que a literatura sobre o tema só ligeiramente toque no aspecto, será ele o principal ‘trunfo’ a depor sobre a possibilidade de mais uma fonte de estudo para o português popular brasileiro em perspectiva histórica: refere-se, neste instante, à linguagem estampada nas legendas das tábuas votivas.

Na descrição efetuada por Valladares (1967: 45-85) sobre as tábuas votivas remanescentes e pertencentes à Igreja do Senhor do Bomfim, desfilam dizeres como: “A legenda foi feita a pincel, em escrita rude e numa redação que não informa o fato”, “quadro grotescamente desenhado”, “conhecimento rudimentar de pintura”, mas, vez por outra, aparece um “qualidade de desenhista habilitado” e “a legenda destaca-se por sua qualidade redacional”. Giffoni (1980: 51), meio que deslumbrada, anuncia ser a legenda crivada de erros, mas que, no entanto, acolhe o encanto do inédito, da simplicidade, da inocência. Refere-se, ainda, ao emprego inadequado das letras maiúsculas, aos tempos verbais mal colocados, às palavras que são escritas como se ouvem e que não atendem, dessa maneira, à grafia exata, constituindo-se ela própria um elemento de curiosidade e é nesta forma de expressão, considerada pela autora como estranha e inusitada, que as mensagens se apresentam. É ainda Giffoni (1980: 52) que, a partir das suas observações sobre a linguagem inscrita nas tabuinhas, propõe um estudo mais verticalizado sobre o tema. Busca argumento em um ex-voto pintado e localizado na antiga Matriz de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida (SP), em que viu pintura descrevendo milagre alcançado por caçador ameaçado por uma onça, em que o texto fornecia, como nos demais exemplares, oportunidade para estudos da linguagem escrita dos ex-votos e da caligrafia neles usada (Giffoni, 1980: 51). Veja-se a figura 5.

Castro (1994: 18) revela ter, sobre a língua estampada nos quadrinhos votivos, a mesma impressão de Giffoni. Segundo a autora, o pitoresco descortinado na caligrafia, na ortografia e na sintaxe faz com que esses dizeres mereçam um estudo especial. Do mesmo modo manifesta-se Silva (1981: 61), destacando que, ao ir se separando da característica de complementação da cena que narra a existência do milagre, aparece a forma letrada do ex-voto e, começando essa linguagem por ser epigráfica, a narrativa ali exposta constitui um excelente subsídio para o estudo da evolução da língua, ortografia e regionalismos.

Deixou-se por último o que tem a falar sobre o aspecto Scarano (2003), porque, dentre os vários autores consultados, será ela quem se deterá de forma um pouco mais alongada sobre o assunto. Para Scarano (2003: 103-104), embora a legenda, em maior ou menor dimensão, esteja quase sempre

presente nas tábuas votivas, ela demonstra, para muitos casos, a dificuldade de sua execução por pessoas de poucas letras: os erros de ortografia, os problemas de ocupação do espaço, a grafia, as letras desenhadas, enfim, tudo contribui, consoante a autora, para chamar a atenção do leitor para as dificuldades contidas na sua feitura e o que se nota é a pouca familiaridade do executante com a escrita. Nas regiões brasileiras em que residem os quadrinhos votivos estudados por Scarano (2003: 113) —Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo—, encontram-se, nas legendas, muitos erros de grafia e de concordância, o que aponta para a existência de um número escasso de alfabetizados, de pessoas com precário conhecimento formal da escrita e, assim sendo, o linguajar inscrito nas tábuas votivas não mostra preocupação com a língua formal e escrita, ela obedece, ainda consoante Scarano (2003: 113-114), aos padrões da linguagem usual e corriqueira: são vocábulos comuns ao linguajar do dia-a-dia, do cotidiano. A autora continua, quanto à linguagem contida nas tábuas votivas, tecendo comentários sobre as abreviaturas como elemento constitutivo dessa linguagem, contudo, para outros traços, sob uma perspectiva lingüística, não soube “dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César”, como se observa abaixo:

Muitos numerosos são os erros de grafia, o que mostra a pouca familiaridade com a linguagem culta. Temos, por exemplo, “hungido” por “ungido”; “preceguida”, por “perseguida”; “milhoras”, por “melhoras”; “ganguenou” por “gangrenou”, além de “apegandoce” ou “apegou-ce” e inúmeros outros casos. (Scarano, 2003: 114)

Alude ainda Scarano, no mesmo local de onde se retirou a citação acima, a inúmeras palavras que foram unidas, ou por falta de conhecimento, ou por problema de espaço, e cita, como exemplos, ‘pormorto’, ‘porintercessão’, ‘dehum’ e, ainda, ‘Domatosinho’. Depois ver-se-á que a justificativa da autora é uma possibilidade entre outras que podem ser aventadas. Scarano (2003: 105) chamou a atenção também para um aspecto de extrema importância no que diz respeito à redação das legendas: o fato de que, de modo geral, se caracterizam por serem fórmulas narrativas estereotipadas e repetitivas, porém esse traço merece que, para ele, se destinem algumas linhas a mais.

Barbosa (2006: 762), quando o assunto é a formação de *corpora* em função de uma história lingüística do português brasileiro, assim se manifesta:

Alguns dentre eles [os *corpora*] são mais que *significativos*, são *representativos*, pois apresentam a qualidade de escrita de um grupo sociocultural de determinada época —seja escrita cotidiana ou especial—. Dessa forma, o texto de um negro alfabetizado no século XVIII é significativo por conta da quase impossibilidade de ser encontrado material como esse. Contudo, mesmo que achado, esse material não representaria, necessariamente, a linguagem de negros da época: poderia estar repleto de fórmulas e padrões lusos. Em contrapartida, textos de uma tradição discursiva europeia de contornos bem fixados, como os de *atas*, podem ser representativos de uma dada comunidade de negros se eles reúnem aspectos do contexto de vida dessa mesma comunidade que os produziu com regularidade. *Mapeando-se as fórmulas lusas repetidas pela mão do negro alfabetizado, separamos os trechos de escrita cotidiana onde marcas da linguagem do grupo desse redator podem transparecer.* (nosso os grifos)

Como se pode notar nas entrelinhas desse excerto de autoria de Barbosa, as fórmulas constituiriam um lugar de resistência à aparição de traços lingüísticos transportados da língua oral e, por conseguinte, devem ser postas de lado. Contudo, para contrapor essa opinião, vai-se dar um “pulinho” no português arcaico e observar o que Martins (2001: 30) revela sobre o seu estudo a respeito da sintaxe dos clíticos em *Documentos portugueses do noroeste e da região de Lisboa da produção primitiva ao século XVI*:

[...] ao arrepio da idéia de que os textos não-literários, nomeadamente notariais, são discursivamente pobres, caracteristicamente repetitivos e carregados de fórmulas e construções cristalizadas, o estudo que realizei [sobre a sintaxe dos clíticos] mostrou que a cristalização sintáctica destes textos é apenas aparente. Neles a colocação dos clíticos muda até em fórmulas que “não mudam”. Tomemos um exemplo que mostra bem o carácter variável da fórmula legal no discurso notarial. As donas do mosteiro de Chelas usavam reunir-se na sala do cabido para outorgar contratos de diversos tipos. Ao longo de dois séculos não mudam este procedimento, tornado requisito legal, nem os tabeliães encarregados de formalizar os actos mudam no essencial a forma de dele dar testemunho escrito. No entanto, a partir de meados do século XV, tendo em conta os documentos que edito, as donas de Chelas deixam de reunir-se ‘ao som de campã tanjuda’,

passando a fazê-lo ‘ao som de campã tanjida’; a cláusula jurídico-literária mantém-se, mas muda a forma do participio passado. (da autora o negrito)

Toma-se, depois de colocadas as formulações dos dois autores sobre a relevância ou não de fórmulas como fonte de pesquisa lingüística, o partido de Martins, o que significa dizer que, mesmo que a parte escrita das tabuinhas presente, na maioria esmagadora dos casos, uma estrutura formular, pode ser de grande serventia para se colherem dados da linguagem oral desta e de outras sincronias. Há ainda que ser levado em consideração que, além das aparências de estrutura formular dos quadrinhos pintados, o espaço reservado à confecção das legendas é, como já se anunciou anteriormente, mínimo, o que implica em um número de linhas escritas bem limitado, mas, mesmo assim, continua-se firme na postura de que as tábuas votivas podem, de fato, se reverter em fontes proveitosas para a história do “latim vulgar”. É claro que, tendo os ex-votos pintados a estrutura mencionada e número reduzido de linhas de texto, talvez não se prestem à análise de alguns níveis lingüísticos; para outros, contudo, podem constituir base empírica a apontar, com dados reais, indícios que testemunhem as feições do português popular brasileiro em perspectiva histórica. Acontece que as tabuinhas também possuem características lingüísticas que lhes são próprias e que não estão, necessariamente, a depor sobre fenômenos atinentes ao português popular, mas essas questões, todas elas, serão trazidas à baila quando se discutir a linguagem dos quadros pintados. Veja-se a figura 6.

### **O AJUNTAMENTO DAS TÁBUAS VOTIVAS: AMORES, DESAMORES E OUTRAS ESPÉCIES DE DORES**

Obstáculos é o que não faltam quando se tenta formar uma série composta de ex-votos pintados para estudos de naturezas várias; as dificuldades aumentam, no entanto, quando o foco do estudo é de caráter lingüístico, porque, neste caso, só as legendas são de serventia. Essa parte constitutiva das tabuinhas, de modo geral, se perdeu no tempo por várias razões. Em primeiro lugar, ressalta-se que exemplares de tábuas votivas que antecedem o século XVIII são raros. Segundo Castro (1979: 111), tanto no Brasil quanto em Portugal, os estragos do tempo contribuíram para seu desaparecimento. Em alguns

casos, o modo de produção da legenda também deu a sua parte para que se desgastasse com o devir do tempo: confeccionadas em papel e coladas sobre os quadrinhos pintados, na parte inferior, a fragilidade do material só fez acelerar o seu apagamento. Cabe aqui um exemplo: Pessôa (2001: 41-141) reuniu em um catálogo 117 tábuas votivas que, hoje, pertencem ao acervo do Museu de Arte Sacra de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro, no entanto apenas 34, o que representa 29.0% do total geral, apresentam a parte escrita e, mesmo assim, há exemplares que exibem longos trechos ilegíveis. Em segundo lugar, entra em cena a própria orientação da Igreja Católica que, considerando os quadros pintados produtos imperfeitos e, conseqüentemente, condenando que a eles se reservasse um espaço em recintos sagrados, os levou a se constituir em material merecedor de queimas. Não se pode deixar de lado, como mais uma causa para a escassez das tabuinhas, o advento da fotografia e da produção industrial de peças de gesso. Desse último aspecto deriva o fato de que, ao andarem juntos a raridade da confecção desse tipo de prática votiva e o valor comercial que por conta disso foi adquirindo, muitos dos quadrinhos pintados foram parar em mãos de colecionadores. Veja-se a figura 7.

Contadas acima as intempéries que podem agenciar o desânimo na formação de uma série de ex-votos para o entendimento do linguajar estampado nas legendas, mesmo assim amealharam-se 183 exemplares, provenientes de vários acervos para os quais segue uma breve descrição.

Como já dito anteriormente, retiraram-se 34 tábuas votivas, dentre as 117, organizadas por Pessôa (2001) e apresentadas no catálogo intitulado *Milagres: os ex-votos de Angra dos Reis*. Segundo Pessôa (2001: 28), os milagres pintados em Angra dos Reis são procedentes das igrejas históricas de Santa Luzia, edificada em 1632 como pagamento de promessa, Nossa Senhora da Conceição, erguida em 1771, e do convento de São Bernardino de Sena; esses quadrinhos foram depositados ao longo do século XVIII até o início do XX. Do catálogo *Promessa e milagre no santuário do Bom Jesus de Matosinhos-Congonhas do Campo/Minas Gerais*, recolheram-se 68 tábuas votivas, provenientes, como informa Frota (1981: 32), da capela da Sala dos Milagres do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campos, no Estado de Minas Gerais. O catálogo organizado por Castro (1994) —*Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro*— contribuiu com 20 quadrinhos, localizados em diversas cidades no estado de Minas Gerais: Diamantina, Milho



Verde, Sete Lagoas, Sabará, Itabirito, Ouro Preto, Congonhas, Oliveira, Alto Maranhão, São João Del Rey e Tiradentes. O antropólogo Luiz Mott permitiu o acesso à sua coleção particular e, dela, colheram-se 7 tábuas. O acervo pertencente à igreja do Senhor do Bomfim, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, merece um parágrafo exclusivo para a sua descrição.

Na década de 30 do século XX, Valladares (1967), pesquisando os ex-votos pertencentes ao acervo da referida igreja para a sua tese de doutorado, fez a descrição dos seus suportes, oferecendo, ainda, a transcrição da porção escrita. Resultado dessa investigação é o livro *Riscadores de milagres*, onde se conta em mais de uma centena os ex-votos descritos pelo autor, relevando-se, inclusive, a generosa quantidade numérica de tábuas votivas. Mais de meio século depois, retornou-se à igreja do Senhor do Bomfim e as tabuinhas estavam reduzidas a um número que ultrapassava um pouco mais de uma dezena. Como se verificou que a transcrição de Valladares foi fiel ao texto das legendas e não havendo divergências entre as leituras feitas, resolveu-se incorporar as legendas de algumas dúzias dos quadrinhos pintados por ele expostos no livro, o que resultou num total de 54 tábuas votivas.<sup>3</sup>

Apresenta-se, abaixo, uma imagem que revela a proveniência e a quantidade das tabuinhas articuladas no presente texto:

TABELA 1: ACERVOS TÁBUAS VOTIVAS

ACERVO	NÚMERO	%
Coleção do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos/Minas Gerais	68	37.2
Coleção da igreja do Sr. do Bomfim/Bahía	54	29.5
Museu de Arte Sacra de Angra dos Reis	34	18.6
Catálogo de Castro	20	10.9
Coleção particular de Luiz Mott	07	3.8
TOTAL	183	100

<sup>3</sup> O autor faz a descrição de ex-votos materializados em variadas formas: fotografias, cartas ou bilhetes avulsos, etcétera, mas só interessam para este trabalho transcrições relativas às legendas de ex-voto do tipo tábua votiva.

O acervo de onde provém a maior quantidade de tábuas votivas é aquele localizado no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, no Estado de Minas Gerais, mas a situação poderia ser diferente caso todas as legendas dos quadrinhos pintados —117—, reunidos por Pessoa (2001: 41-141), não tivessem, na sua maior parte, sido atingidas pela ação do tempo. Nada custa em, novamente, fazer uma reverência ao trabalho de Valladares (1967), que, através da descrição das tábuas votivas pertencentes à igreja do Senhor do Bomfim, no Estado da Bahia, colocou o acervo do local em segundo lugar em número de exemplares.

### AS REVELAÇÕES DAS TÁBUAS VOTIVAS

Quanto ao arco temporal em que se inserem os ex-votos pintados, estende-se do século XVIII ao XX. É, contudo, o XIX aquele que possui o maior número de exemplares. A coleção reúne também quadrinhos pintados que não trazem na sua legenda a data explícita de sua confecção; é bem verdade que localizá-los no tempo poderia até ser possível, levando-se em conta outros elementos como o vestuário e o mobiliário representados na parte pictórica. Preferiu-se, no entanto, a fuga dessa metodologia, tendo em conta que pode ela fazer com que se incorra em enganos.

TABELA 2: DATAÇÃO DAS TÁBUAS VOTIVAS

SÉCULOS	NÚMERO	%
Século XVIII	39	21.3
Século XIX	60	32.8
Século XX	41	22.4
Sem data	43	23.5
TOTAL	183	100

Quando o olhar se dirige para os oragos mais conclamados nas tábuas votivas, tem-se a tabela 3:

TABELA 3: ORAGOS CONCLAMADOS NAS TÁBUAS VOTIVAS

ORAGO	NÚMERO	%
Senhor do Bomfim ~ Senhor Bom Jesus do Bomfim	51	28,0
Senhor Jesus de Matosinhos ~ Nosso Senhor de Matosinhos ~ Senhor do Matosinhos	35	19,2
Santa Luzia	18	9,9
Bom Jesus ~ Senhor Bom Jesus ~ Senhor Bão Jesus	15	8,2
Virgem de Nazaré ~ Nossa Senhora de Nazaré	14	7,7
São Benedito	10	5,5
Senhor Bom Jesus de Congonhas	05	2,8
Santana ~ Senhora Santana	05	2,8
Nossa Senhora do Monte do Carmo ~ Nossa Senhora do Carmo	05	2,8
Nossa Senhora Conceição da Ribeira	04	2,2
Nossa Senhora de Lourdes	02	1,2
São Vicente Ferrer	01	0,5
São José / Senhor Bom Jesus de Congonhas	01	0,5
São Francisco das Chagas	01	0,5
Santo Antônio	01	0,5
Santo Anastácio	01	0,5
Santíssima Trindade	01	0,5
Santa Quitéria	01	0,5
Santa Efigênia	01	0,5
Nossa Senhora dos Remédios	01	0,5
Nossa Senhora do Livramento	01	0,5
Nossa Senhora do Bom Despacho	01	0,5
Nossa Senhora do Alívio	01	0,5
Nossa Senhora da Saúde	01	0,5
Nossa Senhora da Oliveira	01	0,5
Divino Espírito Santo/Senhora das Mercês/Santo Brás	01	0,5
Sem indicação de orago	04	2,2
TOTAL	183	100

Os seguintes santos lideram o *ranking*: Senhor do Bomfim, com 51 pedidos; Senhor Jesus de Matosinhos, com 35; Santa Luzia, com 18; Senhor Bom Jesus, com 15; Nossa Senhora de Nazaré, com 14 e São Benedito, com 10. Por outro lado, a tabela aponta oragos aos quais pouco se recorreu e, para muitos deles, o acervo reunido nomeia santos que não encontram réplicas em outros quadrinhos, como é o caso de Santa Efigênia, São Francisco das Chagas, Santo Antônio, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora do Livramento e Santo Anastácio.

Percebeu-se que, para determinados oragos, se direcionam pedidos específicos, demonstrando uma associação entre santos e certos temas; ilustra bem o que se diz as doenças referentes aos olhos, sempre a pedir a intercessão de Santa Luzia.<sup>4</sup> Convém ainda dar destaque a uma curiosidade encontrada nas tábuas: é que dois suplicantes não se contentaram com apenas um orago; o primeiro recorreu, simultaneamente, ao Divino Espírito Santo, à Senhora das Mercês e a Santo Brás; já o segundo, a São José e ao Senhor Bom Jesus de Congonhas.

Para as próximas informações, observe-se a tabela abaixo:

TABELA 4: TEMAS RETRATADOS NAS TÁBUAS VOTIVAS

TEMAS	NÚMERO	%
Doenças	109	59.7
Acidentes	64	35.0
Parto	05	2.7
Aquisição de casa própria	01	0.5
Reforma de casa própria	01	0.5
Tentação do demônio	01	0.5
Tema não identificado	02	1.1
TOTAL	183	100

<sup>4</sup> Segundo Giffoni (1980: 33-34), há santos protetores especificamente determinados para certos casos. Além de Santa Luzia, encarregada de curar as doenças dos olhos, cita: São Sebastião, para fome, guerra e moléstias contagiosas; São Bento, para cobras e bichos peçonhentos; São Brás, para os males da garganta; São Benedito, para dar fartura e evitar chuva nos dias de procissão; Santo Antônio, além de casamenteiro, faz com que se localizem

No que diz respeito ao conteúdo ou temas estampados nos quadros pintados, não foi encontrado nenhum que se refira à proteção, assim todos podem ser enquadrados na categoria de cura. Os eixos temáticos são bem abrangentes e acolhem as situações aflitivas do ser humano em vários aspectos da sua vivência. É bem verdade que aqueles referentes a doenças saem à frente, seguidos por outros que, genericamente, se podem incluir na categoria de acidentes. Os acidentes relatados nas tábuas comportam: traição com tiro, descarrilhamento de trem, ataque de animais, assaltos, tempestades no mar, naufrágios, encalhamento de navios, quedas de lugares altos, atropelamentos, envenenamentos, queimaduras e outros. Para apenas 2 desses quadrinhos não se conseguiu identificar a natureza da súplica e, quanto aos demais, inserem-se no âmbito da dificuldades na hora do parto, à aquisição ou reforma de casa própria e, por fim, sem muitos detalhes, um quadrinho expõe a vontade de um suplicante em se ver livre das tentações do demônio.

### **A LINGUAGEM DAS TÁBUAS VOTIVAS: DESCRIÇÕES, INTERPRETAÇÕES E OUTRAS DIREÇÕES**

A paleografia italiana, em um artigo clássico de Petrucci (1978), reconhece, para qualquer tempo histórico, a imersão de um indivíduo na cultura escrita através de uma visão tripartida quanto às características físicas da execução caligráfica. Os escreventes com competência gráfica elementar ou de base se manifestam por apresentarem traçado muito descuidado, incapacidade de alinear perfeitamente as letras num regramento ideal, tendência a dar às letras um aspecto desenquadrado, uso de módulos grandes, emprego de letras maiúsculas do alfabeto mesmo no meio da palavra, abreviaturas escassas, bem como a falta de ligação entre os caracteres das palavras e, por fim, rigidez e falta de leveza ao conjunto do texto. Veja-se a figura 8.

---

coisas perdidas, assim como São Longuinho em relação a esta última providência; São Jerônimo e Santa Bárbara, convocados contra raios e tempestades; Santo Onofre, para a cura do alcoolismo e pagamento de dívidas; São Cosme e São Damião, para casos de doenças; São Roque, para cura específica de feridas; Santa Rita, que protege as viúvas e se incumbe das causas impossíveis; São Gonçalo, para mediar casamentos, sobretudo de solteironas e viúvas e considerado, nos dias atuais, como patrono das ligações ilícitas.

Concorda-se, entretanto, com Marquilhas (2000: 238-239), quando diz que as características supracitadas não precisam, necessariamente, ser cumulativas ou equilibradas e, também, quando afirma que a presença rara ou não de abreviaturas e o emprego de letras maiúsculas ou minúsculas se inserem em outro nível de análise que em nada tem a ver com as propriedades físicas do objeto escrito e, desse modo, não se relacionam com maior ou menor destreza no processo de execução caligráfica.

Do lado oposto às mãos com competência gráfica elementar, estão as ‘in pura’, no dizer de Petrucci (1978), recolhendo-lhes as seguintes características: escrita tecnicamente bem executada, cercada de detalhes, identificáveis, sobretudo, em filetes enfeitados junto às letras; módulo pequeno, produzido com muita segurança e perícia, respeitando a relação entre o corpo da letra e as hastes, sejam elas descendentes ou ascendentes. Distinguem-se ainda pelo limitado número de abreviações e, quanto aos ligamentos entre letras, prezam pela espontaneidade, fruto de uma escolha estética. Entre esses extremos —mãos com competência gráfica elementar ou de base e mãos ‘in pura’—, assentam-se as ‘in usual’ que registram maior fluidez na escrita, traçado mais regular do que os do primeiro grupo, módulo menor da letra e melhor alinhada, uso de abreviações e de ligamentos. De modo geral, é uma escrita de quem não ficou relegado ao nível elementar, mas que é usada por necessidades de trabalho ou, então, por quem, tendo um bom modelo, o repete de maneira diligente sem necessariamente precisar de um exercício constante. Esse grupo se destaca pela heterogeneidade, abraçando, por vezes, características afetas tanto à primeira quanto à terceira facção. Veja-se a figura 9.

As tabuinhas têm representantes nesses três níveis de competência gráfica: elementar, ‘in pura’ e usual, como demonstram, respectivamente, as figuras 8, 9 e 10, contudo tem-se a impressão —o flagrante das características afetas a cada um dos níveis envolve, em alguma medida, um quê de subjetividade— de que, na maioria esmagadora dos casos, os executores dos quadrinhos pintados estavam estacionados no nível de competência gráfica usual, proporcionado, talvez, pela repetição e treino caligráfico constantes, exigidos para a escrita dos dizeres a serem colocados nas legendas. Veja-se a figura 10.

Manifestação de Scarano (2003: 114) quanto à linguagem desvelada nos quadros votivos:

Outros tipos de abreviaturas são óbvias, no sentido de que parecem ser o modo mais lógico de resumir uma palavra, tais como “q” por “que” e outras de teor semelhante. As mais usadas são “Mce” (mercê); “Sra” (senhora); “pa” (para); “Pera” (Pereira, nome de alguém); “Franco” (Francisco); “Joaqm” (Joaquim ou Joaquina); “do” (dito); “da” (dita), e inúmeras palavras com a terminação “-mente”, que são resumidas colocando-se o “m” e o “te” apenas; e assim por diante.

A autora descortinou, com essa citação, a característica mais marcante na linguagem das legendas: a recorrência à abreviatura de vocábulos, talvez para economizar espaço, talvez por ser, de fato, recurso intrínseco a essa linguagem. Contam-se 592 ocorrências residindo nas 183 tabuinhas e, quanto aos processos abreviativos, 3 saltam aos olhos: por suspensão ou apócope, em que se omite o final da palavra: *B.* (Bom), *C.* (Cristo), *D.* (dona), *Loc.* (locomotiva), *S.* (Senhor), *E.* (Espírito), *Jez.* (Jesus), *M.* (mercê), *Cap.* (capitão), *P.* (palácio); por contração ou síncope, quando se omitem letras no meio do vocábulo: *Mel.* (Manuel), *Pra.* (Pereira), *Rdo.* (reverendo), *Senra.* (senhora), *Snr.* (senhor), *Sta.* (Santa), *Sto.* (Santo) e, finalmente, com letras superpostas, processo pelo qual, “em geral, é colocada a letra inicial ou prefixo da palavra e, em suspensão, a última ou as últimas letras da palavra” (Flexor, 1991: XII): *cam<sup>o</sup>.* (caminho), *Carv<sup>o</sup>.* (Carvalho), *comp<sup>a</sup>.* (companhia), *D<sup>or</sup>.* (doutor), *enferm<sup>te</sup>.* (enfermidade), *felism<sup>e</sup>.* (felizmente), *Ferr<sup>a</sup>.* (Ferreira), *Fran<sup>co</sup>.* (Francisco), *gravem<sup>te</sup>.* (gravemente), *M<sup>ce</sup>.* (mercê).

Esse acúmulo de vocábulos abreviados tem ainda, como razão de ser, a recorrência freqüente a algumas formas que, como alertou Scarano, acima referida, são utilizadas com bastante generosidade em detrimento de outras. Nos quadrinhos aqui em análise, as mãos se valeram para mais das seguintes formas: *q̃* (que, 56), *N.* (Nossa, 25), *m<sup>o</sup>.* (muito, 19), *Sr.* (Senhor, 23), *M<sup>ce</sup>.* (Mercê, 15), *p<sup>a</sup>.* (para, 15), *D.* (Dona, 14), *Dr.* (doutor, 12), *S<sup>ta</sup>.* (Santa, 12), *d<sup>o</sup>.* (dito, 10), e, para menos, destas: *d<sup>a</sup>.* (dita, 2), *f<sup>il</sup>.* (filha, 2), *Fran<sup>ca</sup>.* (Francisca, 2), *Almd.* (Almeida, 1), *desp<sup>o</sup>.* (despacho, 1), *est<sup>o</sup>.* (estando, 1), *fevr.* (fevereiro, 1), *g<sup>des</sup>.* (grandes, 1), *P.* (palácio, 1), *Pe.* (padre, 1). Ainda sobre as abreviaturas, há de se expor o expediente de uma forma acolher variações e bastam 2 exemplos para ilustrá-lo: *senhor* (Snr, Sñr, SNR, Snř, Snř̄, S<sup>nř̄</sup>, Snr., Snr<sup>e</sup>., S<sup>o</sup>., S<sup>or</sup>., S<sup>ř̄</sup>., SR., S<sup>r</sup>., Sr.) e *gravemente* (grave m<sup>te</sup>., gravem<sup>e</sup>., gravem<sup>te</sup>., Gravemte., Gr<sup>e</sup>m<sup>e</sup>.).

Já se fez uma alusão ligeira ao fato de Scarano (2003: 114) atribuir as inúmeras palavras que foram grafadas com contigüidade, ou seja, sem um marcador formal, que é o espaço em branco, à falta de conhecimento e à topografia mínima reservada ao escrever. Esse tópico pode também abarcar uma outra justificativa, isto é, trechos como *ensima* (em cima), *eLogo* (e logo), *dosprofesores* (dos professores), *debixigas* (de bexigas), *eoSeu* (e o seu), *dehumas* (de umas), *conodito* (com o dito), *aoSenhor* (ao Senhor), *pordetras* (por detrás), *noarayal* (no arraial), *comrisco* (com risco), *eporSever* (e por se ver), *arespiração* (a respiração), *comomesmo* (com o mesmo), *comelle* (com ele), *comdore* (com dores), *elhepassou* (e lhe passou), *epormemoria* (e por memória), *desurgões* (de cirurgões), *eporintercessão* (e por intercessão), *Daoliveira* (da Oliveira), *duAmaro* (do Amaro), *cinegou* (se negou), entre outros, podem estar revelando, da parte do executor dos quadrinhos, a percepção da fala como um contínuo fônico que se refletiu na escrita. Tem esse fenômeno um nome específico na literatura especializada: hipossegmentação. Do lado oposto, ou seja, colocar um espaço em branco no meio de vocábulos —as hipersegmentações— são raras, mas existem:<sup>5</sup> *a Chou* (achou), *emfermo* (enfermo), *mato Zinbo* (Matosinhos), *Mattoz Zinbo* (Matosinhos), *a os* (aos), *a manham* (amanhã), *a Companhia<sup>do</sup>* (acompanhado), *grave mente* (gravemente) e *a pegando* (apegando). A explicação para dar conta do aspecto deve conjugar o indivíduo que escreve, mas que, também, é leitor. Observe-se a semelhança entre partes do vocábulo e palavras autônomas na escrita: *a*, *em*, *grave*, *mato*, *os*; é na interação com o objeto escrito e, conseqüentemente, na representação de palavra que se constrói a partir dele que parecem estar alicerçadas essas grafias. O branco, então, quer cumprir a função de dar a uma das porções isoladas aquilo que lhe é de direito em outros contextos, ‘vida própria’.

Outro traço que marca fortemente a sua presença nos quadros é o acúmulo de grafias etimologizantes. Não é esse, contudo, um assunto que se aborde com ligeireza.

Consoante Barbosa (2006: 761-780), até as bases da ortografia de 1885, de Gonçalves Viana e Vasconcellos Abreu, as grafias etimológicas e pseudo-etimológicas dominaram o cenário da escrita em língua portuguesa; no que

---

<sup>5</sup> Estudos sobre segmentações gráficas não canônicas mostram que as hipossegmentações são bastante mais recorrentes que hipersegmentações: Abaurre (1991); Oliveira (2005) e Silva (1994).



tem toda razão o autor, bastam algumas páginas de jornais, cartas ou quaisquer outras tradições discursivas para vê-las “gargalhando às escâncaras”. Era um tal de <h> para assinalar hiatos ou para iniciar algumas formas conjugadas do verbo *ser*, consoantes geminadas a não mais poder e coisas que tais. Ainda segundo o autor, o século XIX, considerado como o período pseudo-etimológico, é marcado pela relatinização, às vezes de maneira errada, de vários vocábulos portugueses, pois se está numa época em que prestígio e erudição significavam, no âmbito da cultura escrita, grafar os itens lexicais sem as oscilações fonéticas, ainda caracterizadoras do século XVIII; mais que isso, de acordo com Barbosa (2006: 767), “seria um valor geral de prestígio imbuir a grafia dos textos das grafações latinizadas”.

A presença de grafias etimologizantes no material em estudo é bastante volumosa, pois se exhibe em 350 ocorrências, para as quais se segue uma pequena antologia: *Affonso* (Afonso), *assignado* (assinado), *athe* (até), *bocca* (boca), *cahido* (caído), *desaccordada* (desacordada), *deszapparecido* (desaparecido), *Durotheia* (Dorotéia), *erysipela* (erisipela), *flagello* (flagelo), *foy* (foi), *Hespanha* (Espanha), *Ignacia* (Inácia), *immenso* (imenso), *janella* (janela), *may* (mãe), *Omnipotencia* (onipotência), *pello* (pelo), *prometteo* (prometeu), *sahindo* (saindo). É necessária, porém, a lembrança de que “nem tudo o que reluz é ouro”, ou seja, pode-se valer, ainda, de um novo critério para julgar a imersão dos riscadores de milagres na cultura escrita, verificando se as grafias etimologizantes encontram fundamento histórico, o que quer dizer, em outras palavras, que se colocarão, de um lado, as etimologizações verdadeiras e, de outro, as falsas; alguns dicionários etimológicos da língua portuguesa é que lastrearão esse procedimento (Nascentes, 1952; Machado, 2003; Cunha, 2007) e o método consiste no seguinte: o vocábulo *abysmo*, com o <y>, está corretamente etimologizado, pois provém do latim médio *abyssmus*; já o mesmo não se pode dizer em relação à palavra *falla*, em que a geminação do <l> não encontra fundamento histórico, porque o verbo deriva do latim *fabulāre*. Poder-se-ia contra-argumentar, por exemplo, que os jornais, vistos como um possível divulgador de uma suposta norma culta, sobretudo no século XIX, estampavam o verbo referido com a geminação do grafema <l>. Isso em nada desfaz o que foi dito: a etimologização do vocábulo continua a carecer de justificativa que a abalize. Retiradas da análise 29 formas, seja porque sua etimologia não foi localizada: *commandatuba* (comandatuba), *emmediatamente* (imediatamente), *Gabriella* (Gabriela), *Madella* (Madela), *Valladão* (Valadão);

ou é de origem incerta: *aroyal* (arraial), *Archanjo* (Arcanjo), *Arthur* (Artur), *Paraguay* (Paraguai), *Salles* (Sales), restam 321.

Separando as latinizações ou helenizações verdadeiras: *acommetido* (acometido, do latim *commēttēre*), *Apparece* (aparece, do latim *apparēscēre*), *aquelles* (aqueles, do latim *ecce ille*), *Bartholomeu* (Bartolomeu, do sírio-hebraico *Bar Tholmai*), *collocar* (colocar, do latim *collocāre*), *commemorar* (comemorar, do latim *commemorāre*), *elle* (ele, do latim *ille*), *illuzoens* (ilusões, do latim *illūsio -ōnis*), *innocente* (inocente, do latim *innocens -entis*), *martyrio* (martírio, do latim *martyrīum*), das falsas: *Allemão* (alemão, do latim tardio *alemannus*), *Athayde* (Ataide, do germânico *atta*, pai e *hildes*, luta), *cahindo* (caindo, do latim *cadēre*), *ditto* (dito, do latim *dictus*), *falla* (fala, do latim *fabŭlāre*), *feito* (feito, do latim *fāctum*), *ffez* (fez, do latim *facēre*), *fryo* (frio, do latim *frīgīdus*), *hir* (ir, do latim *īre*), *Mayor* (maior, do latim *māior -oris*), os resultados demonstram que houve uma vitória do sim contra o não: é que as grafias etimologizantes que encontram fundamento histórico —220 casos— se sobrepõem àquelas que não o encontram —101 casos—. Diante desse panorama, há para observar que os índices referentes às grafias vestidas com etimologizações falsas não são desprezíveis, o que licencia a constatação de que muitos dos executores dos quadrinhos pintados “pesaram a mão” e, conseqüentemente, erravam ao manipular com o expediente da latinização ou helenização a grafia de inúmeros vocábulos, como revela o gráfico a seguir:

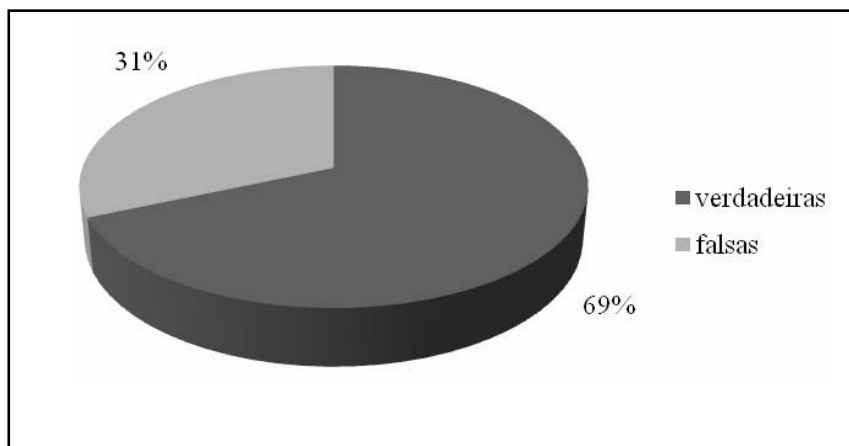


Gráfico 1: Etimologizações gráficas

Ao longo deste texto, fizeram-se constantes referências ao fato de que as tabuinhas votivas podem dar indícios sobre o português popular brasileiro em perspectiva histórica. O uso da expressão “indícios” já explicita que, quanto a esse objetivo, o trabalho assume um caráter mais qualitativo que quantitativo. Falou-se ainda que as legendas, por seu aspecto formular e pelo diminuto número de linhas, não seriam de serventia para análise de todos os níveis lingüísticos. De fato, lendo-as, parece que o proveito mais significativo vai para o plano da fonética/fonologia. Desse modo, objetiva-se, com as palavras e os números que estão por vir, chamar a atenção e, ao mesmo tempo, demonstrar que, para o nível lingüístico mencionado, há flagrantes de fenômenos fônicos que, da fala, se transpuseram para a escrita. Seguem, abaixo, os fenômenos garimpados nas tábuas votivas, localizando-os quanto ao século.

### SÉCULO XVIII:

- **aférese:** *fermidade* (enfermidade, 1),<sup>6</sup> *pustema* (apostema, 1)
- **prótese:** *asucedida* (sucedida, 1)
- **síncope:** *espranças* (esperanças, 1), *esprimentou* (experimentou, 1), *nehua* (nenhuma, 1),<sup>7</sup> *propia mente* (propriamente, 1), *Serugões* (cirurgião, 1), *surgidões* (cirurgiões, 1)
- **apócope:** *Matozinbo* (Matosinhos, 2), *Matozinbô* (Matosinhos, 1)
- **metátese:** *permetendo* (prometendo, 1), *preceguida* (perseguida, 1)
- **elevação de vogais médias pretônicas:** *bixigas* (bexigas, 1), *díclinou* (declinou, 1), *disgracia* (desgraça, 1), *inferma* (enferma, 2), *Matuzinhos* (Matosinhos, 3), *milhor* (melhor, 1), *milbora* (melhora, 1), *milboras* (melhoras, 3)
- **elevação de vogais médias em monossílabos:** *Du* (do, 1), *mai* (mãe, 2)

---

<sup>6</sup> A apresentação dos dados referentes a marcas da oralidade assim foi feita: colocou-se em evidência o vocábulo atingido pelo fenômeno em questão e, dentro dos parênteses, a forma canônica e o número de ocorrência nas tábuas votivas.

<sup>7</sup> Neste vocábulo, a presença do grafema <h> não representa a vogal palatal [h], mas assinala uma estratégia de grafia etimologizante que consiste em colocar o <h> entre hiatos.

- **abaixamento de vogais altas pretônicas:** *desparou* (disparou, 1), *devino* (divino, 1), *emplorando* (implorando, 1), *emtera mte* (inteiramente, 1), *entereção* (interceção, 1), *molher* (mulher, 1), *parentersessão* (por interseção, 1), *Serugões* (cirurgiões, 1), *sofocação* (sufocação, 1), *Syrorgião* (cirurgião, 1)
- **anteriorização de vogais:** *permetendo* (prometendo, 1)
- **centralização de vogais:** *parentersessão* (por interseção, 1)
- **monotongação:** *axose* (achou-se, 1), *apegose* (apegou-se, 1), *debaixo* (debaixo, 1), *diareas* (diarreas, 1), *emtera mte* (inteiramente, 1), *fico* (ficou, 1)
- **ditongação:** *coixa* (coxa, 1), *deyn<sup>bro</sup>*. (dezembro, 1), *disgracia* (desgraça, 1), *enfreyado* (enfreado, 1), *Sylvia* (Silva, 1)
- **despalatalização:** *le* (lhe, 1)
- **desnasalização:** *hu* (um, 1), *hua* (uma, 4), *mai* (mãe, 2)

## SÉCULO XIX:

- **aférese:** *Parecida* (Aparecida, 1), *pijano* (Epifânio, 1), *tê* (até, 1)
- **apócope:** *Mathosinho* (Matosinhos, 1), *Matuzinho* (Matosinhos, 1), *Mato Zinho* (Matosinhos, 1), *Matto Zinho* (Matosinhos, 1), *Matozinho* (Matosinhos, 4)
- **síncope:** *pa* (para, 2)
- **metátese:** *granguenou* (gangrenou, 1), *porcedido* (procedido, 1)
- **elevação de vogais médias pretônicas:** *carriando* (carreando, 1), *dizinganou* (desenganou, 1), *duente* (doente, 1), *Durotheia* (Dorotéia, 1), *enfirmidade* (enfermidade, 1), *Filisberto* (Felisberto, 1), *Furtunato* (Fortunato, 1), *gravimente* (gravemente, 1), *incaio* (encalho, 2), *Infermo* (enfermo, 1), *Injenho* (engenho, 1), *iscrotos* (escrotos, 1), *isquerdo* (esquerdo, 1), *Matuzinho* (Matosinhos, 1), *milhor* (melhor, 1), *Milhor* (melhor, 1), *milhoras* (melhoras, 5), *mimoria* (memória, 2), *procidido* (procedido, 1), *pustema* (apostema, 1), *sinidos* (sentidos, 1)
- **elevação de vogais médias postônicas:** *dantis* (dantes, 1), *quazi* (quase, 1)
- **elevação de vogais médias em monossílabos:** *au* (ao, 1), *ci* (se, 1), *di* (de, 1), *mãi* (mãe, 1), *mi* (me, 1), *nu* (no, 1)
- **abaixamento de vogais altas pretônicas:** *desenteria* (disenteria, 1), *Molher* (mulher, 1), *tomores* (tumores, 1)

- **anteriorização de vogais:** *secorrendo* (socorrendo, 1)
- **monotongação:** *andame* (andaime, 1), *abaixo* (abaixo, 2), *baixo* (baixo, 1), *debaixo* (debaixo, 1), *Dotor* (doutor, 1), *Ozébia* (Eusébia, 1), *pietano* (Epifânio, 1), *rematismo* (reumatismo, 1), *saverista* (saveirista, 1), *tornolhe* (tornou-lhe, 1), *typhode* (tifóide, 1)
- **ditongação:** *Bão* (bom, 1), *pescoço* (pescoço, 1)
- **desnasalização:** *co* (com, 1), *hua* (uma, 4), *nao* (não, 1)
- **iotização:** *incaio* (encalho, 2), *Vaia* (valha, 1)

### SÉCULO XX:

- **síncope:** *prostada* (prostrada, 1)
- **paragoge:** *amiudas* (amiúde, 1)
- **elevação de vogais médias pretônicas:** *juelho* (joelho, 1)
- **abaixamento de vogais altas pretônicas:** *ourina* (urina, 1), *sofrentos* (sofrimentos, 1)
- **centralização de vogais:** *amiudas* (amiúde, 1)
- **monotongação:** *nafrago* (naufrágio, 1)<sup>8</sup>
- **ditongação:** *poude* (pode, 1), *ourina* (urina, 1), *mais* (mas, 1), *feis* (fez, 1), *Olavo* (Olavo, 1)
- **desnasalização:** *mae* (mãe, 1)

### SEM DATAÇÃO:

- **síncope:** *inperimentado* (experimentado, 1)
- **epêntese:** *gragrena* (gangrena, 1)
- **apócope:** *Alcanca* (alcançar, 1), *Ei* (eis, 1)
- **elevação de vogais médias pretônicas:** *agunbado* (agoniado, 1), *Expulsão* (explosão, 1), *infermidade* (enfermidade, 1), *Istupor* (estupor, 1), *milbor* (melhor, 1), *milhora* (melhora, 2)
- **elevação de vogais médias postônicas:** *quasi* (quase, 1), *sarassi* (sarasse, 1)

<sup>8</sup> Repare-se que o vocábulo *naufrágio* acolhe duas monotongações.

- **elevação de vogais médias em monossílabos:** *au* (ao, 1)
- **abaixamento de vogais altas pretônicas:** *comprir* (cumprir, 1), *emcomodo* (incômodo, 1), *enflamada* (inflamada, 1), *encomodo* (incômodo, 1), *emmediatamente* (imediatamente, 1), *infenita* (infinita, 1)
- **anteriorização de vogais:** *diente* (diante, 1), *reção* (razão, 1)
- **monotongação:** *Aura* (Áurea, 1), *lembros-se* (lembrou-se, 1), *pegose* (pegouse, 1), *perfeita* (perfeita, 1)
- **ditongação:** *feiz* (fez, 2), *meis* (mês, 1)
- **rotacismo:** *Grorioso* (glorioso, 1)
- **lambdacismo:** *milaglozo* (milagroso, 1)
- **palatalização:** *agunhado* (agoniado, 1)
- **nasalização:** *inperimentado* (experimentado, 1)
- **desnasalização:** *hu* (um, 1)

A colheita dos fenômenos fônicos, 186 casos, licencia uma série de constatações. Em primeiro lugar, confirma-se a hipótese de que, para o nível de análise lingüístico relativo à fonética/fonologia, as tabuinhas, de fato, estão dando a sua contribuição, contudo, ao lado de traços com mais probabilidade de ocorrerem nas normas populares —aféreses (*fermidade*, *pífano*), próteses (*asuçedida*), anteriorização de vogais (*permetendo*, *reção*), metátese (*porcedido*, *granguenou*), rotacismo (*Grorioso*)— há outros que já se despiram de estigmas e são flagrados também nas normas cultas, como, por exemplo, a apócope de /r/ em final de palavras (*Alcanca*), elevação de vogais médias pretônicas (*inferma*, *gravimente*), elevação de vogais média postônicas (*dantís*, *quazí*), elevação de vogais médias em monossílabos (*Du*, *dí*), monotongação (*fico*, *ba xo*). Quanto aos fenômenos mais bem representados quantitativamente, destacam-se a elevação de vogais médias pretônicas, com 48 ocorrências, a monotongação, com 24, o abaixamento de vogais altas pretônicas, com 21, a desnasalização, com 15 e, por fim, a ditongação, também com 15; no extremo oposto, são parcamente anotados, com apenas 1 ocorrência, a prótese, a epêntese, a paragoge, o rotacismo, o lambdacismo, a palatalização, a despalatalização e a nasalização.

Partindo para uma leitura horizontal da tabela 5, são os seguintes fenômenos que encontram representantes em todos os séculos, inclusive em tabuinhas que não indicam a data da sua confecção: síncope, elevação de vogais médias pretônicas, abaixamento de vogais altas pretônicas,

TABELA 5: FENÔMENOS FÔNICOS

FENÔMENOS	SÉC. XVIII	SÉC. XIX	SÉC. XX	S/DATA	TOTAL
Aférese	02	03			05
Prótese	01				01
Síncope	06	02	01	01	10
Epêntese				01	01
Apócope	03	08		02	13
Paragoge			01		01
Metátese	02	02			04
Elevação de vogais médias pretônicas	13	27	01	07	48
Elevação de vogais médias postônicas		02		02	04
Elevação de vogais médias em monossílabos	03	06		01	10
Abaixamento de vogais altas pretônicas	10	03	02	06	21
Anteriorização de vogais	01	01		02	04
Centralização de vogais	01		01		02
Monotongação	06	12	02	04	24
Ditongação	05	02	05	03	15
Rotacismo				01	01
Lambdacismo				01	01
Palatalização				01	01
Despalatalização	01				01
Nasalização				01	01
Desnasalização	07	06	01	01	15
Iotização		03			03
TOTAL	61	77	14	34	186

monotongação e ditongação. E já que se referiu a tabuinhas sem data, algumas delas acolhem fenômenos fônicos com ocorrência solitária: epêntese, rotacismo, lambdacismo, palatalização e nasalização; visualizam-se, ainda, dados que não se reduplicam para além de um século, como é o caso da prótese e da despalatalização, localizados apenas no século XVIII e a parago-ge, no XX. Que é o século XIX, seguido pelo XVIII, a abrigar o maior número de formas acolhedoras de fenômenos fônicos representativos para o objetivo que se pretende é outra informação a ser destacada.

Cabem ainda, quanto aos traços emoldurados como fenômenos que, da fala, se transpuseram para a escrita, duas observações:

As primeiras indicações sobre a emergência do apagamento de /R/ em coda silábica interna, no português brasileiro, datam da década de 1920. Oliveira (2006: 469-494) recuou o traço, com base em textos escritos por africanos e afro-descendentes, para o século XIX. Será que o vocábulo *serugões* (cirurgiões) está querendo confidenciar que o apagamento referido pode ser recuado para o século XVIII?

No que se refere ao segundo aviso, avistem-se as seguintes palavras de Simões (2003: 64) sobre a representação gráfica da nasalidade entre os alfabetizandos:

Considerando que a nasalidade é uma situação de maior complexidade, concluímos que, no plano fônico, ela não atordoia o alfabetizando, pois, captando-a ou não, a criança resolve sua grafia de forma sistêmica e estruturada: ou ignora e, portanto, não usa marcas, ou a percebe e elege uma marcação uniforme: põe travador (consoante nasal após a vogal fechando sílaba) ou til em todas as sílabas que apresentem qualquer vestígio de som nasal (nasaladas e nasalizadas).

É por isso que certos vocábulos acima oferecidos —*co, hu, bna, mai, nao*— devem ser vistos com cautela, porque, talvez, não estejam encenando desnasalizações.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de ex-votos do tipo tábuas votivas revelou, primeiramente, que a linguagem ali expressa tem características que lhes são constitutivas e, conseqüentemente, as individualizam perante outras modalidades de agradecer a um orago pelo milagre obtido. No plano da linguagem, essas características se traduzem no excesso de abreviaturas, no acúmulo de grafias hipo e hipersegmentadas, na sobrecarga de vocábulos etimologizados, legitimamente ou não. Contudo, operando-se no campo das legendas que descrevem os milagres feitos em situações aflitivas, o ganho mais importante diz respeito ao fato de que, pelo menos no nível da fonética/fonologia, as tabuinhas se constituem, de fato, em mais uma fonte para o conhecimento do percurso histórico do nosso “latim vulgar”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abaurre, Maria Bernadete Marques (1991), “A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial”, em *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, núm. 11, pp. 203-217.
- Abreu, Jean Luiz Neves (2005), “Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII”, em *Revista Brasileira de História*, vol. 25, núm. 49, pp. 197-214.
- Alkmim, Tânia Maria (2002), “Estereótipos lingüísticos: negros em charges do séc. XIX”, em Tânia Maria Alkmim (org.), *Para a história do português brasileiro*, vol. III: *Novos estudos*, São Paulo, Humanitas, pp. 383-402.
- Alkmim, Tânia Maria (2001), “A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história social do português no Brasil”, em Rosa Virgínia Mattos e Silva (org.), *Para a história do português brasileiro*, vol. II: *Primeiros estudos*, t. 2, São Paulo, Brasil, Humanitas, pp. 317-335.
- Barbosa, Afrânio Gonçalves (2006), “Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos”, em Tânia Lobo (org.), *Para a história do português brasileiro*, vol. VI: *Novos dados, novas análises*, t. II, São Paulo, Brasil, Humanitas, pp. 761-780.
- Castro, Márcia de Moura (1994), *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro*, Rio de Janeiro, Brasil, Expressão e Cultura.

- Castro, Márcia de Moura (1979), “O ex-voto em Minas Gerais e suas origens”, em *Cultura*, núm. 31, pp. 100-112.
- Cunha, Antônio Geraldo da (2007), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Brasil, Lexikon Editora Digital.
- Fausto, Boris (1994), *História do Brasil*, São Paulo, Brasil, EDUSP/FDE.
- Flexor, Maria Helena Ochi (1991), *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*, São Paulo, Brasil, Editora UNESP/Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo do Estado de São Paulo.
- Frota, Leila Coelho (1981), “Promessa e milagre nas representações coletivas de ritual católico, com ênfase sobre as tábuas pintadas de Congonhas do Campo, Minas Gerais”, em *Promessa e milagre no santuário do bom Jesus de Matosinhos, Congonhas-Minas Gerais*, Brasília, Brasil, Fundação Nacional Pró-Memória, pp. 17-53.
- Giffoni, Maria Amélia Corrêa (1980), “Ex-votos, promessas ou milagres”, em *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, s/n, pp. 27-53.
- Lucchesi, Dante (1994), “Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português no Brasil”, em *Revista Internacional de língua portuguesa*, núm. 12, pp. 17-28.
- Machado, José Pedro (2003), *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Portugal, Livros Horizontes.
- Marquilhas, Rita (2000), *A faculdade das letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa, Portugal, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Martins, Ana Maria (2001), *Documentos portugueses do noroeste e da região de Lisboa – da produção primitiva ao século XVI*, Lisboa, Portugal, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2002), “Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa”, em Tânia Maria Alkmin (org.), *Para a história do português brasileiro*, vol. III: *Novos estudos*, São Paulo, Brasil, Humanitas, pp. 443-464.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1998), “Sobre desencontros e reencontros: Filologia e Linguística no Brasil no século XX”, em *Estudos Linguísticos e Literários*, núms. 21/22, pp. 97-108.
- Nascentes, Antenor (1952), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Brasil, Francisco Alves.
- Oliveira, Klebson (2006), “Aquisição da escrita em textos de africanos e afro-descendentes no Brasil do século XIX: grafias para sílabas complexas, por exemplo”, em Tânia Lobo (org.), *Para a história do português brasileiro*, vol. VI: *Novos dados, novas análises*, t. I, São Paulo, Brasil, Humanitas, pp. 469-494.

- Oliveira, Klebson (2005), “O lugar do branco na escrita de negros. Notas sobre segmentação gráfica em textos de africanos e afro-descendentes no Brasil do século XIX”, em *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, núm. 6, pp. 153-170.
- Pessôa, José (2001), *Milagres: os ex-votos de Angra dos Reis*, Rio de Janeiro, Brasil, Casa da Palavra.
- Petrucci, Armando (1978), “Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento. Da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere”, em *Scrittura e Civiltá*, núm. 3, pp. 163-207.
- PROMESSA E MILAGRE NO SANTUÁRIO DO BOM JESUS DE MATOSINHOS, CONGONHAS – MINAS GERAIS (1981), Brasília, Brasil, Fundação Nacional Pró-Memória.
- Scarano, Julita (2003), *Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira, séculos XVIII e XIX*, São Paulo, Brasil, EDUSP.
- Silva, Ademar da (1994), *Alfabetização: a escrita espontânea*, São Paulo, Brasil, Contexto.
- Silva, Maria Augusta Machado da (1981), *Ex-votos e orantes no Brasil*, Rio de Janeiro, Brasil, Museu Histórico Nacional.
- Simões, Darcília (2003), *Fonologia em nova chave: considerações sobre a fala e a escrita*, Rio de Janeiro, Brasil, HP Comunicações.
- Valladares, Clarival do Prado (1967), *Riscadores de milagres*, Rio de Janeiro, Brasil, Secretaria de Educação do Estado da Bahia.